Tolerância

A PAIXÃO DAS IDEIAS

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

E a tolerância? A pergunta vem à baila quando um fundamentalismo condena à morte um escritor pelo que diz num dos seus livros. É inaceitável qualquer ambiente de caça às bruxas, de chantagem ou de pressão psicológica. E não se diga que está em causa a complacência de uma sociedade pouco preocupada com os seus valores mais íntimos e sagrados... Trata-se, sim, da defesa de uma sociedade de pessoas livres — com espaço e abertura para procurarem, elas próprias, o sentido para a vida, sem imposições nem farisaismos.

Há dias, António Alçada Baptista dizia que «a felicidade que não é adquirida através da liberdade é uma felicidade menor, pateta, animal, podemos dizer que um animal é feliz — se é possível usar esta expressão. Esse tipo de felicidade não nos pode interessar, mas é a felicidade que nos propõem» (*DN*, *19*.3.89). Também com a tolerância não nos podemos ficar por um mero encolher de ombros, como se poucas coisas deste mundo tivessem a ver connosco. Há uma zona de empenhamento, de liberdade, de aceitação das inquietações alheias que tem de estar presente quando usamos esta palavra, às vezes tão gasta.

Não sabemos o suficiente para podermos ser intolerantes — costuma dizer Karl Popper, incansável batalhador da sociedade aberta. Chesterton temia por que, em breve, se torcessem os pescoços para os adaptar aos colarinhos lavados e se mutilassem pés para servirem em botas novas... Sensatamente dizia **urbi et orbi**: «Uma boa política é a que nos conserva as nossas cabeças»... De facto, é indispensável evitar a tirania dos julgamentos abstractos, não a confundindo com a necessária e saudável procura de significação para o que nos ronantes sem derramamento de sangue), o ideal de renovação gradual através do livre debate das ideias, da mudança de mentalidades e do modo de vida e ainda o ideal da fraternidade. Não nos podemos fechar em torres de marfim, contentando-nos com o conforto das nossas verdades, dos nossos pontos de vista e olhando com sobranceria os outros.

A redescoberta do indivíduo e da singularidade não pode gerar um mundo feito de ilhas separadas e de somas aritméticas de vários hedonismos. Cada um de nós, enquanto pessoa e cidadão, constitui um reduto de criatividade, de autonomia, de sensibilidade — mas só será possível pôr essa esfera ao serviço do aperfeiçoamento humano dispondo-nos a constituir elos de contacto, de compreensão e de entreajuda. **A noção de próximo** tem de entrar na nossa **cultura de responsabilidade.** E o **próximo** não constitui qualquer versão idealizada de pessoa que temos de aceitar e de ajudar para contentar a nossa boa consciência — trata-se de alguém com quem temos relação, positiva ou negativa... As diferenças e os conflitos têm de ser aceites, em lugar de idealizarmos as relações sociais, esquecendo que por detrás dos modelos de virtude se escondem subtis e persistentes modos de opressão. Jean Lacroix demonstrou-o ao falar, com lucidez e coragem, na força e fraquezas da família...

Tolerância? As teorizações são sempre fáceis. Somos invariavelmente mais tolerantes nas palavras do que nos actos. É evidente que para um ocidental a eclosão do fanatismo impressiona e inquieta. Trata-se do reverso da medalha dos excessos relativistas e da subaternideia e para aquilo que somos. E no entanto quantos fanatismos não têm sido responsáveis por irredutibilidades em cadeia, que apenas servem para implantar ressentimentos e desconfianças?...

«Por que reparas no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Como ousas dizer ao teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, tendo tu uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás para tirar o argueiro do olho do teu irmão» — diz o Mestre, segundo o relato de S. Mateus. A natural e salutar conflitualidade humana, não pode fazer-nos esquecer que é muito mais aquilo que nos une do que o que nos separa. É o género humano que nos aproxima. E que melhor modo teremos de nos aperfeiçoarmos senão usando da liberdade de opinião ou exercendo a autonomia?

Tolerância não é algo informe e acomodatício. Não é o bater nas costas como se não houvesse juízos e crítica. Não é a tal vida pateta, animal ou vegetal, que nos vão impingindo.

Salman Rushdie e o livro sobre o qual desabou um mar de intolerância

Trata-se de um compromisso, no sentido de nos aceitarmos como somos e de afirmarmos que o pluralismo não se confunde com a indiferença ou com o simples relativismo dos valores. A dignidade humana e o direito à igual consideração e respeito exigem que a aceitação da singularidade passe pelo escrupuloso respeito das procuras pessoais de significação.

Norberto Bobbio alertava há anos para que «se hoje existe uma ameaça à paz mundial, esta vem ainda do fanatismo, ou seja, da crença cega na própria verdade e na força capaz de impô-la» (**O Futuro da Democracia, uma defesa das regras de jogo**), ed. Paz e Terra, 1986, p. 39) Para contrariar essa eclosão do fanatismo e para que a sociedade possa funcionar aberta e livremente, importará respeitar os ideais de tolerância e de não-violência (Popper bem ensina que a distinção entre um governo democrático e um não-democrático reside no facto de no primeiro os cidadãos poderem livrar-se dos seus governos sem derramamento de sangue). Mais do que palavras, interessa, porém, que recuperemos as virtualidades do compromisso pessoal, de que falava Mounier, ao apontar para os acontecimentos como nossos mestres interiores... À tirania dos grandes princípios e dos ambientes de medo que sempre se geram quando se trata de sacrificar a nossa intimidade e os sentimentos na ara de um qualquer princípio abstracto, temos de contrapor uma busca mais modesta e exigente de referências, de valores... Santa Teresa de Ávila dizia que Deus convivia com os tachos e panelas da cozinha do convento. Também os valores têm de conviver com a nossa vida comum. O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado... Sermos assim tolerantes é no fundo aprendermos a viver melhor connosco e com a nossa ignorância. Não sabemos o suficiente para impormos os nossos pontos de vista... Temos, sim, direito a que respeitem as nossas opiniões, o nosso esforço.

Mas tudo será possível? Aí o senso comum entra em acção. Quando o direito à igual consideração e respeito de todos e de cada um estiver ameaçado temos aí um limite ao exercício do direito à liberdade... A tolerância estará aí balizada... E quanto aos medos relativos à eclosão hedionda de um qualquer hiper-relativismo hedonista, apenas há a responder que o homem não cessa a sua peregrinação na busca de sentido. Limitar essa caminhada é empobrecê-la.

A tolerância é uma conquista — preservemo-la, em nome do respeito mútuo e da dignidade das pessoas...